

RUBENS DE MENDONÇA
(da Academia Mato-Grossense de Letras)

DOM

PÔR

DO

SOL

Editora "Sarã"
— 1954 —
Cuiabá — Mato-Grosso

« Dom Pôr de Sol »

Rubens de Mendonça, apreciado beletista cuiabano, senhor de uma já apreciável bagagem literária, na qual explora vários generos de literatura, predominando neles a poesia, teve a nímia gentileza de ofertar-nos um exemplar do seu novo livro de versos denominado « Dom Pôr de Sol ».

Os tempos que atravessamos são infensos ao verso e rima. Esta geração quasi desconhece a belesa da poesia porque o belo requer olhos capazes de vê-lo e intelligencia assaz desenvolvida para compreende-lo.

Quase ninguem mais se deleita lendo versos poetas consagrados e imortais como Camões, Gonçalves Dias, Castro Alves, Casimiro de Abreu, Bilac e outros.

Foi-se o tempo em que a mocidade corumbaena acompanhava de perto o movimento da literatura nacional e mesmo estrangeira, pois não lhe eram desconhecidas as obras de autores de outros países.

Hoje, quase ninguem quer saber de poesia. Até há uns vinte anos atrás, não era raro encontrar-se jovens recitando :

«Essa que passa por ahi, senhores,
De olhos castanhos e fidalgo porte,
E' a princeza ideal dos meus amores,
E' a mais fina pérola do norte...»

ou então :

«Não devo ama-la, e amo-a com louçura!
Quero esquece-la e trago-a na lembrança!
Ai, quem me livra deste mal sem cura
A que o destino trágico me lança?...»

A mocidade vivia embebida de poesia. Era só reunir-se um grupo de tres ou quatro rapazes, e logo um deles perguntava :

Vocês já leram o Finis Patria de Guerra junqueiro

Comentando...

Zezilda Costa

Por gentileza impar do autor, veio ter á nossas mãos, Dom Por do Sol, do academico matogrossense Rubens de Mendonça...

Verdadeiramente o poeta foi muito feliz na escolha dos versos de que se compõe o livro. Bem dossadas as poesias e especialmente naturais, devem ser lidas por todos que apreciam estes gênero de arte inspirada.

Dom Por do Sol se nos afigura um pequeno poema cor-de-rosa tão indispensável á nossas existências, atualmente tão em colorido.

“No entanto a chuva cai neste dia cinzento..

Eu só... Longe de ti. Só no meu sofrimento...

Na tortura cruel da mais horrenda dôr!”

Admiramos a maravilhosa inspiração em “Olhos mortos de sono”, que nos levou a uma meditação longa e agradável..

O efeito de “Hono” sôbre nós foi deverás reconfortador.

“O homem nojento e quem a mão eu dei um dia,

Em paga, deu-me o fêl, veneno, hipocrisia,

Apunhalou até meu pobre coração.”

E, agradando à massa anônima como à grandes personalidades, temos “Cuiabá”, que é exatamente o que esperávamos ler sôbre nossa querida terra..

Ave! A ti Cuiabá, terra bôa e altaneira!

Que te importa dos máus a fúria transitória,

Se podes orgulhar a Pátria Brasileira

ostentando imortal—um passado de glória...”

Dom Por do Sol é uma valiosa contribuição para a poesia matogrossense que tantos adeptos tem conseguido atualmente. É mais que um livro de poesias, é uma corôa de flôres, uma sonata agradável, pois deixa-nos leitores uma inesquecível doçura e sobretudo, uma indelével impressão.

« Dom Pôr do Sol »

Sob a epigrafe que encima estas linhas, o jornalista e escritor matogrossense Rubens de Mendonça, membro da Academia matogrossense de Letras, acaba de publicar um volume de versos de sua lavra.

O referido volume foi editado pela Editora "Sarã", de Cuiabá, e reúne em suas páginas 62 composições poéticas de agradável leitura.

Oportunamente, voltaremos, com mais vagar, a apreciar, nestas colunas, o magnífico trabalho do nosso confrade Rubens de Mendonça, que acaba de enriquecer, ainda mais, a sua vasta bagagem eleitoral. *Oh!*

Coarção do Estafeto de C. Grande

SOL

sent
expl
a pe
plar
de s

rime
porc
cia

poet
Dias

acor
nal
das

uns
reci

nir-s
les l

intermédio
xina, Mario e Lauro, este
Avelino, de penalidade má-
Alfaiates, por intermédio de
Carra

DOM PÔR DO SOL

IMPRESSÕES DE LEITURAS

Quatro livros de poesias

CARLILY MARTINS

5
ima

STA
a 6 —
Avisa
ue, em
a capi-
clínica
13 ás
(325)

FÉ

to no
e São

AL

15

110 Povo"

11 Fontallega - Casa
16/12/1954

Rubens de Mendonça é um dos espíritos mais ágeis e fecundos da terra matogrossense, onde a sua atuação literária já lhe outorgou as credenciais de befeirista apreciado e brilhante.

Autor de duas dezenas de livros focalizando os mais variados assuntos, — história, jornalismo, genealogia e crítica —, o ilustre homem de letras também dedica à poesia alguns momentos de suas incursões no mundo do pensamento, delineando versos que impressionam a nossa sensibilidade e decantam lindos aspectos da natureza.

Seu último livro, "Dom Pôr do Sol", que me foi remetido com gentilíssima dedicatória, longe de ser um trabalho monótono e insonoro, é um punhado de rimas enfeitadas, onde a alma do poeta se eleva em vóos luminosos, no firmamento encantado da poesia.

Prossiga, Rubens de Mendonça, a palmilhar os caminhos da arte e do ideal, saudando o esplendor da vida com cânticos e harmonias, como um eterno enamorado da beleza, a exemplo dos que olham o mundo sorrindo, indiferentes às serpes da maldade humana.

CASA

GRI

5KV
6KV
7,5 "
10 "
10 "

RUBENS DE MENDONÇA
(da Academia Mato-Grossense de Letras)

*Arte divina, arte maravilhosa, bendita
sejas tu que confortas o pobre, consolas o
triste e iludes o faminto, dando-lhes a ilusão
da felicidade e da factura nas suas longas
hicas sem alegria, sem amor e sem pão!...*

*Humberto de Campos - Diário Secreto
pág. 241.*

DOM PÔR DO SOL

« — Porque purificou a torpeza da terra
Quem deixou sobre a terra uma lágrima e um verso »

Olavo Bilac. ("Alma Inquieta")



1954

Editora "Sarã" — Cuiabá.

IMPRESSÕES DE LEITURAS

Quatro livros de poesias

CARLILY MARTINS

|| O Povo ||

|| Fortaleza - Ceará
16/12/1954

Rubens de Mendonça é um dos espíritos mais ágeis e fecundos da terra matogrossense, onde a sua atuação literária já lhe outorgou as credenciais de beletista apreciado e brilhante.

Autor de duas dezenas de livros focalizando os mais variados assuntos, — história, jornalismo, genealogia e crítica —, o ilustre homem de letras também dedica à poesia alguns momentos de suas incursões no mundo do pensamento, delineando versos que impressionam a nossa sensibilidade e decantam lindos aspectos da natureza.

Seu último livro, "Dom Pôr do Sol", que me foi remetido com gentilíssima dedicatória, longe de ser um trabalho monótono e insonoro, é um punhado de rimas enfeitiçantes, onde a alma do poeta se eleva em vôos luminosos, no firmamento encantado da poesia.

Prossiga, Rubens de Mendonça, a palmilhar os caminhos da arte e do ideal, saudando o esplendor da vida com cânticos e harmonias, como um eterno enamorado da beleza, a exemplo dos que olham o mundo sorrindo, indiferentes às serpes da maldade humana.

Do mesmo autor:

- 1 —Aspecto da Literatura Mato-Grossense. 1938. Esgotado.
- 2 —Garimpo do Meu Sonho (versos). Tip. Calháo, 1939. Esgot.
- 3 —Álvares de Azevedo, o Romântico-Satanista. Tip. A. Evangelista, 1941. Esgotado.
- 4 —Poetas Borôros (Antologia de Poetas Mato-Grossenses). Escolas Profissionais Salesianas, 1942. Esgotado.
- 5 —Cascalhos da Ilusão (versos). Escola Industrial de Cuiabá, 1944. Esgotado.
- 6 —Os Mendonças de Mato-Grosso (Estudos Genealógicos). Escola Industrial de Cuiabá, 1945. Esgotado.
- 7 —Discurso de Posse na Academia Mato-Grossense de Letras. Escola Industrial de Cuiabá, 1945. Esgotado.
- 8 —No Escafandro da Vida. (versos). Escola Industrial de Cuiabá, 1946. Esgotado.
- 9 —Antologia Borôro. Editôra Guaíra Ltda. Curitiba, 1946. Esg.
- 10 —Gabriel Getúlio Monteiro de Mendonça. (Ensaio Biográfico) Escola Industrial de Cuiabá, 1949. Esgotado.
- 11 —História do Jornalismo em Mato-Grosso. Departamento de Cultura. São Paulo, 1951. Esgotado.
- 12 —Roteiro Histórico & Sentimental da Villa Real do Bom Jesus de Cuiabá. Escola Industrial de Cuiabá, 1951. Esgotado.
- 13 —Álbum Comemorativo ao 1º Congresso Eucarístico de Cuiabá. Gráfica Editora Aurora Ltda. Rio de Janeiro, 1952.
- 14 —Dicionário Biográfico Mato-Grossense. Gráfica Mercúrio S. A. São Paulo, 1953.

No Prélo

- 15 —Coletânea de Poetas Mato-Grossenses.
- 16 —O Tigre de Cuiabá (Antônio Luís Patricio da S. Manso).
- 17 —História de Mato-Grosso.
- 18 —Pitigrilli e outros ensaios.
- 19 —História da Literatura Mato-Grossense.
- 20 —O Capitão-General Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres.
- 21 —Beco do Candeeiro. (Romance).

AOS MEUS AMIGOS

JAIME DE VASCONCELOS,
ANTÔNIO DE ARRUDA,
ROBERTO JAQUES BRUNINI
E
AGRICOLA PAIS DE BARROS.

Dom Pôr do Sol

É uma igreja a verde natureza
Quando Dom Pôr do Sol vai para o altar!...
O Sol no ocaso é qual uma hóstia acesa
E vai enchendo a terra de tristeza
Como uma hóstia de luz tôda a sangrar!...

Dona Tristeza vai rezar baixinho...
Dona Saudade então põe-se a chorar...
E o Sol envolve a terra num carinho
Tão leve e tão suave como arminho
Na doce luz do Sol crepuscular...

Dona Saudade vive todo o dia
Para atear o fogo na fogueira
Do coração da gente! E principia
A volver o passado — faz magia,
Dona Saudade, eu creio é feiticeira...

Sacerdote dum templo simbolista
Fêz-se Dom Pôr do Sol um ermitão...
E quando morre a tarde de ametista
Vai pouco a pouco o grande paisagista
O mundo enchendo de desolação!

A noite negra e horrenda nos oprime
Após deixar a terra tôda exangue,
Pratica todo o dia o atro crime,
Assassina no espaço o Sol sublimé,
Da tarde vai cobrindo o céu de sangue...

Mas quando nasce o dia, madrugada!
Da-se o milagre da ressurreição:
Quando sôa o clarim da passarada
E saudando o arrebol numa Alvorada
Ressuscita Dom Sol no seu clarão!...

Portanto, glória a ti! Ó Sol fecundo!
Que és tão tristonho e meigo ao entardecer...
E nasces dando à terra o seu profundo
Clarão que traz vigor e fôrça ao mundo
Transbordante alegria de viver!...

Pela tua agonia no ocidente
Éstes versos ardentes te consagro
São tristes como o Sol que no poente
Ferindo vai o coração da gente
A êste sabor dum sofrimento agro!

E' uma igreja a verde natureza
Quando Dom Pôr do Sol vai para o altar!...
O Sol no ocaso é qual uma hóstia acesa
E vai enchendo a terra de tristeza
Como uma hóstia de luz tôda a sangrar!...

Da Mulher e em seu louvor

*«De Satan ou de Dieu, qu'importe? Ange ou Sirène,
Qu'importe, si tu rends,—fée aux yeux de velours,
Rhythme, parfum, lueur, ô unique reine!—
L'univers moins hideux et les instants moins lourds?»*

Charles Baudelaire.

Mulher

«a obra-prima de Deus,
a inspiração suprema,
na fresca e frágil
formosura de Eva.»

Gilka Machado.

E's um poema de carne! E carne perfumada...
De volúpia, de amor — resumo do sublime!
O teu sorriso tem lampejos de Alvorada,
A graça Universal — êsse teu corpo exprime!...

Tu és a perfeição Mulher, perolejada...
Escondes no teu corpo a virtude e o crime...
De tudo quanto é belo e bom, foste formada
E é por ti que do mundo a mágua se redime!

Suponhamos que Deus não te houvesse criado...
O mundo então seria um amaldiçoado
Abismo, triste, horrendo, infernal solidão!...

Mas Deus ao te criar, deu-te tãda a beleza --
Todo o imenso esplendor que tinha a natureza!
E se immortalizou com a tua criação!...

SONETO SEM NOME PARA AS MULHERES QUE AMEI

Cerro os olhos e sonho... Mansamente
as mulheres que amei vejo passar...
Mulheres que eu amei tão loucamente
e que as chamas do amor trazem no olhar!...

Lembro-me algumas, cujo olhar fremente
era volúpia estranha e singular...
Outras por mim passaram friamente
sem meus lábios nos seus mesmo pouzar!...

Passai, visões da minha fantasia
vultos gentis que o tempo máu desfaz...
Amor! Que outróra foi minha alegria...

Tal como quem desfolha mal-me-queres...
Eu tenho um coração grande, capaz
de amar com êle tãdas as mulheres!...

ELA

Bem pôde um grego artista da escultura
talhar no ebúrneo mármore de Carrara,
estátua divinal, imagem rara,
jamais imitará tua formosura...

Tens da beleza tôda a forma pura
estuante na tua carne clara,
que inspiraria o bardo de Ferrara,
como ao Tasso, levando-me à loucura!

Tu, que és mais linda do que foi Eleonora,
Tens no olhar uma chama sedutora
e no sorriso a aurora rosicler!...

Tu és rival da Beatriz do Dante;
quando passas, murmuro radiante:
— Tens algo de divino e de mulher!...

Ignota Déa

Tenha Petrarca Laura e a Beatriz, o Dante.
Seja Venus de Milo a eterna perfeição...
Nada pode igualar teu perfil deslumbrante
Ou a um sorriso teu — Mulher fascinação...

Tua boca possui da rosa o inebriante
Perfume e a frescura e até a floração!...
Desabrocha em teu lábio um riso cintilante
Que sinto reviver — minha morta ilusão!...

A côr dos olhos teus faz lembrar esmeraldas
De tão verdes que são — quais joias engastadas
No teu rosto gentil, verdadeiro primor!...

Tu és a encarnação perfeita da beleza...
Nada se iguala a ti em tôda a natureza
— A graça que possui — teu rosto encantador!...

D. João de Castro Teles

A João Afonso Côrte-Real

—« Virgem santa! chilreou a espanhola, encarando-o com assombros. — Queria usted matar a todos los hombres de Sevilla?

Respondeu-lhe o Senhor de Boquilobo: — Nombre de Dios! Para poder quedar-me solo com tôdas las mujeres. »

Júlio Dantas — "Pátria Portuguesa"

Senhor de Boquilobo achava-se em Sevilha
Quando em pleno teatro o ousado português,
Sobe ao palco e no espaço a sua espada brilha,
Fuzila o seu olhar com estranha impavidez!...

Quem naquele teatro, onde o povo fervilha,
Ousaria zombar com tal desfaçatez
Do Duque de Bragança? E a Espanha então se humilha,
E todos fogem diante a sua intrepidez!

E ao descer do tablado um olhar o fascina...
Senhor de Boquilobo ouviu então sorrindo
A pergunta gentil duma voz feminina:

«De Sevilla matar todos los hombres quieres?»
E de pronto responde — o feitro descobrindo
«— Para ficar a sós com tôdas as mulheres!...»

BALADA TRISTE PARA UNS OLHOS LINDOS

Foi assim, uma história passageira,
Por acaso nasceu o nosso amor,
Comecei a te olhar por brincadeira,
Transformando depois esta fagueira
Esperança — num sonho encantador!...

E de tanto te olhar, mulher querida,
Que nasceu em meu peito esta paixão...
Hoje ficou minha alma re florida
Pois representas tudo em minha vida,
Única vida do meu coração...

Não chego a compreender esta loucura,
Este amor, este doce encantamento,
Que vem de ti amada creatura,
— Se dos teus olhos vêm essa ternura,
Amenizar meu grande sofrimento!

Se não te vejo é negro, o claro dia:
Não tem a aurora a côr do rosicler...
Mas tuão se transmuda qual magia,
Se vejo o teu sorriso de alegria
E esse teu lindo rosto de mulher...

E deslumbrado fico se te vejo,
Sinto por ti — o que dizer não sei...
Seja talvez a fome do teu beijo
Que alucina e incendeia o meu desejo,
Dêsse teu beijo que ainda não provei...

E ante esse teu rosto cujo encanto
Tem a graça imortal do teu olhar,
Dêsses teus olhos que eu adoro tanto,
Cuja beleza, hei de cantar, enquanto:
Eu tiver vida para mais te amar!...

HEROISMO DE FUGIR DOS OLHOS DE MULHER BONITA

Fujo de ti, da tua formo-ura,
Fujo dos olhos teus, do teu sorriso
E fugirei até, se fôr preciso,
Desses teus lábios de ideal doçura...

E se te vejo, às vezes indeciso
Fico, é porque, divina criatura,
Possui o teu olhar tanta ternura
Que não sei se é o inferno ou paraíso...

Só sei que temo e fujo ao teu amor...
E fugi, sempre, desde o teu primeiro
Olhar cheio de graça e de esplendor...

Fujo do teu encanto, minha amada,
Tal como Xenofonte, o audaz guerreiro,
Que se immortalizou na Retirada...

E' melhor ser Sultão

Cismando haver nascido em outra idade
Para fugir do mundo a tirania,
Eu me recólho nesta soledade
E dou asas à minha fantasia...

E de tanto sonhar na antiguidade
Eu vou sentindo, aos poucos, a ousadia...
De audaz guerreiro que a imortalidade
Conquistou com ardor e valentia...

Carlos Magno, ser, eu imagino...
Ser Átila ou Bayard que o destino
Do mundo altera... ou ser Napoleão...

Mas que vale ser Rei, viver em guerra...
O sangue derramando sôbre a terra —
Eu prefiro um harem — e ser Sultão !...

Contraste

O teu olhar ardente e sedutor
Quando pousou no meu olhar, querida,
Era cheio de graça e de esplendor
Que despertou minha alma adormecida...

E senti um desejo pecador
De beijar a tua boca apetecida...
Que importa a lei dos homens, se o amor
É mais forte que a morte e do que a vida!...

Porém, pouco durou nossa ventura,
Abrazava meu peito o amor fremente
Só por te ver divina criatura!...

E ardia no meu peito um fogo interno:
Meu coração era o Equador ardente —
E tu mais fria que Moscou no inverno!...

Agora é tarde

Eu preciso evitar a todo o custo
êsse amor, louco, ardente e singular!...
O teu sorriso enche-me de susto
e temo quando vejo o teu olhar!...

Preciso te esquecer, e até é justo
que eu deixe de vez de te adorar,
que eu não mais veja êsse teu lindo busto
e nem tenha vontade de te amar!...

Só agora surgiste em minha vida...
Quando sou quase velho, e tu querida,
tens o intenso fulgor da mocidade!

Hoje que vens tão cheia de desejos...
Hás de encontrar o frio nos meus beijos,
porque agora é tarde, é muito tarde!...

Meu pedido a Papai Noel

Ela com trage verde e presa nos meus braços
Dançando, perguntou-me cheia de alegria:
Certo, não se esqueceu de ti Papai Noel?
Mas fazendo a verdade eu tive uns embaraços,
E para responder sem fazer ironia,
A pergunta gentil de sua boca de mel...
Eu! Bem! E como foste tu, meu grande amor?
Ela sorriu tal qual se sorrisse uma flor,
A rosa resplendente e alegre dum vergel!

Fiquei fóra de mim! (E a dança prosseguia...)
Por não poder dizer tudo quanto sentia,
Por não poder falar que é sua a minha vida!

Por que essa covardia ante a mulher amada?...
Fico frio e nervoso e nunca digo nada...
Mas meu olhar talvez lhe fale ao coração!

Pois a Papai Noel eu pedi a ventura
De me dar a mulher mais linda, a criatura
Por quem tenho a mais viva e ardente adoração!...
Foste tu que eu pedi — minha louca paixão!...

A Mulher e o Monge

(Tradução de Stechetti)

I

Contrito a meditar, um Monge solitário
A flor da mocidade a matar num convento,
Entre as névoas da fé, penitência e tormento,
A vida consumia a ler seu breviário!...

E triste meditava o pobre visionário,
Quando ouve uma voz de suave encantamento,
Duma linda mulher que era um deslumbramento
Tôda nua a exhibir um corpo extraordinário!...

—«Ô Monge! Eu sou o amor, a vida, a alacridade,
Te ofereço o esplendor da minha mocidade
E do meu jovem corpo o cáldo fulgor...»

Abandona a tua fé, que a vida é uma delícia...
Que do meu corpo em flor, te darei a carícia
E em troca à cela escura eu te dou meu amor!...»

II

Diz o Monge:

Porque tentas assim, ó visão misteriosa!
Ao Monge, que por Deus tem devoção e ardor!...
Nãc me persigas não, ó vulto encantador
Que me tentas tirar da vida religiosa...

O Demônio é o teu corpo! E essa maravilhosa
Boca que me promete as delícias do amor,
Tenta de mim em vão fazer um pecador
E arrancar da minha alma a crença fervorosa!...

Crédo! Fugas de mim! O teu olhar, maldita
Mulher, não quero ver! Teu olhar excitante
Que põe meu peito em braza e a minha alma aflita!...

Peco somente ao ver teu corpo rosicler...
Foge de mim, Satã, visão alucinante:
—Mas se não for visão — e for mesmo mulher?...

Núa

Quando teu lindo corpo nú eu vejo
na glória da volúpia e da paixão!
Quando sinto teu beijo no meu beijo
nosso amor tem ardências de um vulcão!...

A nudez do teu corpo é tentação...
Essa nudez inflama o meu desejo!
E enche-me de estranha exaltação
teu corpo êsse troféu que tanto almejo...

Núa... Bem núa, é que eu te quero, amada...
Nos meus braços então crucificada,
quero sentir teu corpo rosicler...

Quero-te assim, sem tolo preconceito,
ver-te núa, deitada sobre um leito,
nessa nudez gloriosa de mulher!...

Felicidade

Julguei, acaso, ser felicidade
A riqueza, o poder, a fama, a glória,
Nome aureolado ao Panteão da História
A vã e inútil imortalidade!...

Vi que o poder é uma ilusão inglória...
A riqueza é a força da vontade.
Nome imortal — apenas é vaidade...
A fama neste mundo é transitória!...

Felicidade é coisa diferente,
É uma casinha branca e onde a gente
Possa alegre viver com seu amor!

Felicidade é a mulher querida,
Um filhinho a sorrir — a própria vida,
Vivida no seu cândido esplendor!...

Enquanto a chuva cai

Abro a minha janela! Olho Santa Tereza...
Mansinho a chuva cai envolvendo lá fóra
O morro. E vem da chuva essa imensa tristeza
Invadir o meu peito onde a saudade mora.

Denso véu de garôa envolve a natureza
Cresce a melancolia... E a terra toda agora
Parece padecer do inverno atra crueza...
Tem saudade do Sol... E de saudade chora!

No entanto a chuva cai neste dia cinzento...
E eu só... Longe de ti. Só no meu sofrimento...
Na tortura cruel da mais horrenda dôr!

Sinto-te junto a mim... E invade-me a saudade
— Tu que és só para mim toda a felicidade —
Enquanto a chuva cai, penso em ti, meu amor!...

Deslumbramento

Um dia Deus olhando a natureza,
Achou-a tão deserta e horripilante,
Que logo, resolveu, no mesmo instante
Criar-te, estátua viva de beleza!...

E fez-te como és, linda e elegante...
De olhos oblongos como japoneza,
Para da perfeição ter a certeza
Deu-te essa beleza deslumbrante!

Paciente, o Criador foi, traço a traço,
Formando êsse teu corpo escultural,
Desenhando tuas curvas a compasso!...

Deu-te o encanto de Venus — que mais queres?!...
E fez-te — criatura divinal —
A mais linda de todas as mulheres!...

E' melhor esquecer

E' melhor esquecer!... Assim estava escrito
no livro do destino — este amor é impossível!...
Pois de que serve a nós, este viver aflito
de que serve um amor quando êle é intangível!...

Do sonho torturado em que sofro e medito
vem a minha aflicção cruel incompreensível!
Por que nascera em nós cruento amor maldito
por que desabrochou esta paixão terrível?!...

Por que o teu olhar encantador um dia
buscou o meu olhar de dor e nostalgia,
olhar sem ilusão que só mágua continha?!...

Já não deve existir esta paixão tão louca!
Pois embalde e faminto eu busco a tua boca
«Mesmo a saber que és de outro e nunca serás minha!...»

Iara

No Amazonas em noite enluarada,
Conforme reza a lenda, o pescador,
Ouve da Iara a voz enamorada
Que vai cantando uma canção de amor!

E ao som da melancólica toada
Surge-lhe a Iara em mágico esplendor,
E a Deusa do Rio-Mar — alma encantada
Nos seus braços embala o sonhador!...

Tu tens também da Iara a formosura,
E os teus olhos tão cheios de ternura
Tem um encanto tal, mulher querida,

Que ao contemplá-los sinto o coração
Dizer baixinho, cheio de emoção:
Olhos mais lindos que eu já vi na vida!

Camonianos

I

Eu vos suplico em nome deste amor,
Minha paixão, Senhora, he tam ardente,
Que fere, assi meo peito cruelmente
Do vosso olhar o esplendido fulgor!...

He tam grande Senhora a minha dor...
Pertendia calal-a mansamente
Em meo peito, entretanto a dor pungente
Fere minh'alma com atroz furor!...

Somente o vosso olhar, mulher fermosa.
Inspircu-me, divina creatura,
Este cruel amor, louca paixão...

E da vossa belleza muy vaidosa,
Sem se importar com a minha desventura
Deponho aos vossos pés meo coração!...

II

Em meo olhar vereis a nostalgia
 Senhora, dona de meo coração,
 E muy padeço e soffro atra paixão
 Vivendo só por vós em agonia!

Não sinto mais o riso de alegria
 Sem vosso olhar sequer de compaixão
 E he tam triste viver nesta soidão
 A definhar, Senhora, noite e dia...

Minh'alma escrava que vossa alma adora
 Há de ficar assim embevecida
 Ao vosso olhar tão lindo e encantador!...

Per hum momento só, bella Senhora,
 Volvei a mi o vosso olhar, querida,
 Que feliz morrerci por vosso amor!...

III

Pudessê eu, fermosa creatura,
 Viver a contemplar vossa belleza,,
 Findava de meo peito essa tristeza
 E terminava a minha desventura!...

Pudesse eu ver-vos sempre que a amargura
 Que invadia o meo peito com certeza
 Havia de fugir vendo-vos presa
 Cheia de amor e eu cheio de ventura!

Pera esta vida já sem esperança
 Pera minh'alma já desiludida
 Pera meo peito a se sangrar de dor...

Sois vós, Senhora, o bem que não se alcança
 O resumo feliz da minha vida —
 Sois vós fermosa, a dona deste amor!...

LENDAS

Mulher

«a obra-prima de Deus,
a inspiração suprema,
na fresca e frágil
formosura de Eva.»

Gilka Machado.

E's um poema de carne! E carne perfumada...
De volúpia, de amor — resumo do sublime!
O teu sorriso tem lampejos de Alvorada,
A graça Universal — êsse teu corpo exprime!...

Tu és a perfeição Mulher, perolejada...
Escondes no teu corpo a virtude e o crime...
De tudo quanto é belo e bom, foste formada
E é por ti que do mundo a mágua se redime!

Suponhamos que Deus não te houvesse criado...
O mundo então seria um amaldiçoado
Abismo, triste, horrendo, infernal solidão!...

Mas Deus ao te criar, deu-te tãda a beleza --
Todo o imenso esplendor que tinha a natureza!
E se immortalizou com a tua criação!...

SONETO SEM NOME PARA AS MULHERES QUE AMEI

Cerro os olhos e sonho... Mansamente
as mulheres que amei vejo passar...
Mulheres que eu amei tão loucamente
e que as chamas do amor trazem no olhar!...

Lembro-me algumas, cujo olhar fremente
era volúpia estranha e singular...
Outras por mim passaram friamente
sem meus lábios nos seus mesmo pouzar!...

Passai, visões da minha fantasia
vultos gentis que o tempo máu desfaz...
Amor! Que outróra foi minha alegria...

Tal como quem desfolha mal-me-queres...
Eu tenho um coração grande, capaz
de amar com êle tãdas as mulheres!...

I

Alavanca de Ouro

«Meio dia!... Cantou misteriosa anhúma, quando mais sêde tinham os pobres trabalhadores; mas um, um tão sòmente, num ápice galgou o fosso e mal lhe chegara à borda quando, em meio de medonho fragor, a terra convulsionada soterrou mina e mineiros.

Nem mais uma só alavanca, nem de ferro, nem de ouro!»

Maria do Carmo de Melo Rego.

Cavavam dia e noite sem cessar e sem cessar cavavam noite e dia... Por mais que procuravam cavoucar a alavanca na terra se escondia!...

No alto do Rosário aparecia a alavanca de ouro. Era começar na colina, o trabalho — ela fugia cada vez mais na terra a se ocultar.

E assim foi até que um preto escravo salva a uma velha índia, como um bravo, da sêde atróz que a havia de matar!...

Em paga a Currupira diz-lhe em suma: quando cantar ac Meio-Dia a anhúma, foge que a mina vai se desabar!...

II

Senhor Bom Jesus

«Manoel Homem, era um criminoso que conduziu consigo a imagem do Senhor Bom Jesus, para uma pequena ilha. Mais tarde fugiu deixando a imagem num pequeno rancho de palha.

Recolhendo-se para São Paulo, um comerciante achou-a, e querendo conduzi-la é tradição constante, que não puderam abalar, sendo feita de lenho de medíocre gravidade; mais tarde, foi conduzida para a Vila de Cuiabá, com a facilidade natural. E' venerada e respeitada nesta Vila de que tomou o nome.»

Lacerda e Almeida.

Manoel Homem temendo atróz castigo da justiça de El-Rei, uma cilada, o criminoso foge do perigo e deixa a Imagem Santa abandonada!

De regresso a São Paulo quer consigo um comerciante vê-la transportada!... Tenta em vão remover do seu abrigo e a imagem frágil se tornou pesada...

E qual milagre a tradição descreve: que a velha Imagem se tornára leve ao ser trazida em festas para cá...

Veio com natural facilidade para benções lançar nesta cidade Do Senhor Bom Jesus de Cuiabá!

III

Pé de Garrafa

« E sòmente no chão, bem nítido,
depara, cheio de assombro, o rastro
terrível, em forma de fundo de uma
garrafa, de possante e monstruoso
"bicho" que quer atrair o poaieiro
para o misterio seio das misterio-
sas florestas. »

Gabriel Pinto de Arruda.

Na hora crepuscular quando as aves em bando
cantam ao entardecer saudando o fim do dia...
Nesta hora de tristeza e de melancolia
parece até se ouvir a saudade cantando...

Quando em pleno sertão em meio a mataria
já quasi ao anoitecer, então vai se ecoando
um grito atróz que faz tremer a serrania
— a própria solidão da mata apavorando!...

E' o monstro tenebroso, um monstro sanguinário,
que solta em plena mata um grito temerário,
que faz estremecer de horror o solo até!

E o poaieiro diz: que o negro, monstro insano,
possue um olho só, é feroz, desumano —
e é um fundo de garrafa o rasto do seu pé!...

Olhos Mortos de Sono

Ao Dr. Orlando Nigro

Olhos mortos de sono que acordados
Velaram noites tristes de agonia,
Olhos que padeceram torturados
Do tédio a dôr e a atróz melancolia...

Olhos mortos de sono — olhos cansados
De passarem as noites em vigia...
Olhos dos pobres párias, desgraçados
Que não conhecem a dôr nem a alegria...

Olhos de quem sofreu tôda a amargura
Do mal, do horror, em negra desventura
E que passaram tôda a noite em vão

Acordados, sofrendo atróz tormento,
Olhos que vivem no padecimento
E que são sepulturas da ilusão!...

Homo

Quando o bem semei por sôbre a terra ingrata
Nunca o fiz a pensar em qualquer recompensa.
Preguei à turba vil, à essa turba insensata
Que nem siquer me cuvia em sua indiferença.

Essa gente feroz que tem a ira inata
Dentro do coração uma maldade intensa...
Esse povo venal que fére e que maltrata
Desconhece por certo as doçuras da crença.

O homem nojento a quem a mão eu dei um dia,
Em paga, deu-me fêl, veneno, hipocrisia,
Apunhalou até meu pobre coração.

Não sou Buda, Maomé, também não sou Jesús
Que por ser justo e bom morrera numa cruz —
Sou Átila, cruel vingando a ingratidão!

Trovas

I

Trova do Povo! Poesia
De simples inspiração!...
Mas contem quanta ironia
Se castiga um medalhão!...

II

Haikai, Rondó, Elegia,
Até o Soneto passa!
Só fica a Trova — poesia
Que é a alma da nossa raça...

III

Sei que és doutro, mas querida,
Eu te quero com ardor!...
E's razão da minha vida
E a glória do meu amor...

IV

Quatro letras tem — amor,
E vive em peitos diversos...
Possue da trova o valor
Tendo embora quatro versos!...

V

« Amor com amor se paga »
Foi provérbio verdadeiro...
Mas hoje a verdade o esmaga
Com a invenção do dinheiro!...

VI

Seja sempre "Bôa Vida",
Procure viver, gozar...
Não leve o trabalho a sério
Que terás tudo a ganhar!...

O Samba

A Wladimir Dias Pino

Num escuro porão dum navio negreiro,
que vai vagando ao léu de horrendo vendaval...
Ao bater do tantã— nasce o som do primeiro
samba lânguido e triste, ardente e sensual!...

Fundiram-se depois, em sólo brasileiro
três raças numa só criando um ritual...
Era o índio lascivo e o negro macumbeiro
e do branco a saudade — então, fez-se imortal!...

Negro de pé no chão, batuqueia viril...
Sapateia a invocar Xangô no seu lamento
e essa estranha cadência atravessa o Brasil!...

Tem o samba, do negro — essa imensa tristeza...
Da indolência do índio — êsse ritmo lento —
e a saudade lhe deu a gente portuguesa!...

Versos Humanos

«O ódio é a forma negra do amor.»

Vargas Vila.

O meu ódio é tal qual o meu amor
Tem forma negra e tem feitio humano...
Destrói tudo que pode em seu furor
E' terrível, mas nunca desumano!...

Às vezes adormece, (doce engano)
E fica manso, calmo e sem rancor!
Tem dentro de minha alma seu arcano
Para ostentar do mal rubro esplendor...

O mundo é que deu vida ao ódio ardente...
Os homens por maldade então quiseram
Fazê-lo grande, cruel e onipotente!

E quem seu beijo em fogo já sentiu,
Não se esquece do bem que lhe fizeram —
Não se esquece do mal que já o feriu!...

Os homens hoje são indiferentes

A Luís-Philippe Pereira Leite

Queres da vida o bem! Buscas ventura?
Acaso sonhas tu com a perfeição?
Não sabes que este mundo é de amargura,
De egoismo, maldade e de ambição!...

Entre o egoismo humano e atroz tortura,
Terás um dia essa desilusão...
Homem, lobo do homem, vil criatura,
Onde acharás a luz da tua razão!...

Cristo, foi justo e teve o seu Calvário,
A doutrina do bem ao povo lega,
Falou debalde ao mundo sanguinário...

De que servem palavras tão suaves?
Porisso Santo António aos peixes prega,
— São Francisco de Assis falava às aves...

Poetas & Filósofos

De Campoamor.

Falava um Poeta: « O' vida encantadora!
Vêde quantas cousas belas:
— A luz do Sol, da Lua, a luz da Aurora,
Flôres, mulheres, pássaros e estrelas »!...

E dizia um Filósofo: — « Da vida,
Na crueldade da sorte,
Só vejo em tudo males sem medida:
Tédio, velhice, enfermidade e morte! »

In memoriam de Mahatma Gandhi

Foste a imagem da Paz, do Amor e da Bondade,
Mansamente morreste assim como um cordeiro...
Pelo teu grande amor à pobre humanidade
A dor da tua morte encheu o mundo inteiro!...

Tu erás novo Budha em meio a tempestade
De cóleras e rancor — só teu vulto altaneiro,
Sabia ao ódio vil, impor serenidade
Anunciando da Paz o dia alviçareiro...

Não morreste! Porque não morre a liberdade!
Não morre o bem, a fé, a verdade, a justiça,
Assim hás de viver por tóda a eternidade!

Que te importa a prisão, a tortura e a inclemência,
Se a Índia bendirá o que tombou na liça
— Como um bravo a lutar por sua independência!...

Ingratidão

De todo bem que fiz em recompensa
tive da ingratição a dor pungente...
Bebi na taça da amargura intensa
mágua cruel dum desespero ingente!

È então sofri a atroz indiferença...
E vi o mal crescer — ódio inclemente,
sentindo a dor de uma tortura imensa
e a calúnia da língua maldizente!

Fazendo o bem ganhei só inimigos...
Senti diante de mim tantos perigos,
só por ser justo, bom e ser leal!

Sòmente, agora, tarde, é que compreendo...
De todo bem que fiz eu me arrependo:
— Talvez fosse melhor fazer o mal!...

Sací é também poeta modernista

Sací da Silva Pererê,
Moleque safado e bem brasileiro,
De barrete vermelho
Cachimbo na boca
A pular de um pé só.
Fazendo barulho, dando palpite em tudo que vê,
Armando bagunça, criando conflitos, fazendo banzé...

Sací bóle em tudo, com tudo entremete:
Política e Letras, Artes e Guerra
E tratados de Paz!

Sací Pererê
Pintor Futurista
Tem alma de Artista bem original.

Sací Pererê
Agora poz fogo nos versos antigos dos velhos poetas.
Não quer mais saber de "pálida e loira", nem sabe de métrica
Nem gosta de rima,
Sací quer poesia, poesia nascida da alma do Povo,
Da gente da rua que luta e que sofre...

Negrinho teimoso, negrinho danado só anda a dizer que é
[modernista!]

Sací Pererê!
Você é a poesia, a nova poesia, do novo Brasil!...

Sirirí

O rancho parecia estar pegando fogo
de vermelho de tanta poeira levantada
que se refletia na luz do lampião!

A negrada batia o pé no chão
dançando o Sirirí,
Fedia a suor e fedia a cachaça...

Um preto cantava uns versos acompanhado de uma viola
[de coxo e cracaxá.

O galo cantou três vezes.

Quando o Sol veio nascendo a festa terminou numa ba-
[gunça horrível.

Houve até facadas...

Foi preciso intervenção da polícia...

Estampa do Desespero

A máscara do desespero
abafava o prazer que ria naquele lábio!
A máscara do desespero
abafava a máscara da ironia
tal como a máscara de gás
dos soldados da Coréia.
Porque dentro daquela alma havia guerra.
Guerra fria!
Guerra da paz e da inquietação
naque'la alma
de mulher
que nunca amou e nunca foi amada.

Choque

Imobilidade de um lago.
Silêncio por tudo.
Uma pedra lançada por um garoto vadio
Caíu na superfície d'água,
Como se fôra bomba atômica...
Era o movimento,
Era a renovação.
Abalando nervosamente
A paralização!

Gréve

Veio a Polícia
Houve tiros...
Depois só ficou um trapo de camisa do operário,
Sujo de sangue,
Como se fosse bandeira vermelha
A tremular no ar!...

Sol da minha vida

Dia sem sol, cinzento êste céu cabotino
plagia o céu de Londres,
fica negro e chumbado...
Há pela natureza
uma imensa tristeza...

Na minha rua deserta e triste
fica ainda mais triste um dia assim!
Porém meu amor, quando tu apareces
irradiante de beleza e simpatia,
há um esplendor no dia!
E como se o sol o maior sol do mundo
rompesse
as trevas
e aparecesse!...
Quando tu passas pela minha rua
canta o céu, canta o sol e a terra tôda,
porque só tu és a maior glória do Universo.
Eu fico até acreditando em Deus!...
Porque é preciso ser Deus para fazer:
mulher assim tão linda como és...

Tentação morena

Bebo às vezes poesia nos teus olhos negros...
Os teus lábios prometem inspirações!
E tôdas as fibras dos meus nervos revoltados
Vibram
Quando tu passas meu amor,
Oferecendo na taça vermelha
E húmida dos teus lábios
O terrível absinto sensual
Que há de paralizar todos os meus sentidos
Na síncope de um beijo!...

Repete-se a façanha bíblica:
O sol parou no espaço
Para admirar êsse teu corpo em flor de menina e moça
Que é uma tentação morena,
De carne...
Êsse teu corpo é um poema —
Um poema ardente e sensual!...

Monotonia

por que será que tôdas as manhãs
O SOL NASCE DO MESMO LADO?

por que será que tôdas as tardes
O SOL MORRE NO MESMO LEITO?

será que êle não se cansa de fazer a mesma coisa todos
[os dias?

ÊTA SOL BESTA!

Poema

A minha vida está tão atrapalhada
Que às vezes penso que não tem mais conserto.
Só as mulheres feias me procuram,
Só os cães vadios me arroteiam...
Mas, como é bom amar as mulheres feias
E gostar dos cães vadios...

Cuiabá

«Por ser da minha terra é que sou nobre,
Por ser da minha gente é que sou rico.»

Olavo Bilac.

Glória a ti CANAAN do audaz Pascoal Moreira
que escreveu a maior epopéia da história,
quando um dia ao partir à frente da Bandeira
de "Tordezilhas" rompe a linha divisória...

Ave! A ti Cuiabá, terra bôa e altaneira!
Que te importa dos máus a fúria transitória,
se podes orgulhar a Pátria Brasileira
ostentando imortal — um passado de glória!...

Glória a Miguel Sutil! Glória, pois aos teus filhos,
que na guerra ou na paz desconhecem empecilhos
Glória ao teu ouro bom — glória ao teu céu azul!

Bendita, sejas tu, ó minha terra amada...
Tu que és do meu Brasil a pérola engastada
— Em pleno coração da AMÉRICA DO SUL!...

Vila Bela

Cidade de Pombal!... Cismando em tua história,
lembro Rolim de Moura e vejo o teu passado!
Teu imenso esplendor — de Portugal a glória
das conquistas de mais terras para este Estado!

E "Príncipe da Beira" é o forte da vitória
de Luís de Albuquerque ao castelhano ousado!...
Além vejo o teu rio e me vem à memória
Adriano Taunay — a morrer afogado!

Manoel Espiridião da Costa Marques via
teu risonho porvir, Vila Bela querida,
de antiga Capital — erguer-se em galhardia!...

E és como outróra, ainda em fúlgido tesouro...
Aos pés do Guaporé, dormes tu esquecida,
bi-secular cidade, entre ruínas e ouro!...

Campo-Grande

Lá de Maracajú, no planalto floresce
entre "Prosa" e "Segredo", a mais linda cidade...
Campo-Grande, gentil que altivamente cresce
tão cheia de vigor, de progresso e ansiedade...

E' a rainha do Sul e disso se envaidece,
orgulhosa e feliz, ostenta a majestade...
Cada dia que passa, ela mais se embelece
embalada ao fulgor de intensa alacridade!...

Trepida no seu solo o fecundo trabalho...
Estua no seu seio o ritmo do malho...
De Mato-Grosso é bem a filha sem rival.

O' sonho encantador de José Luís Pereira,
que embalando ao nascer — a cidade fagueira —
sentiu que ela ia ser grande, bela e imortal!...

Os Flagelados

Os rios já não podem mais chorar
O Sol bebeu-lhes lágrimas dos olhos!...
Arde por toda a parte a luz solar
E vai crescendo em fúria de abrasar
Nas estradas de urzes e de abrolhos!...

Em grupos vêm marchando os retirantes
Qual se fôra uma enorme procissão,
A tristeza em seus pálidos semblantes,
Reflexos cruéis horripilantes,
Por toda a parte é só desolação!...

As «estradas que andam» vão morrendo
num desespero atroz de causar dó...
De margem a margem é um deserto horrendo
E a areia do seu leito vai crescendo —
Onde foi rio, resta apenas pó!...

E quem não sente a angústia ao contemplar
Um rio que morreu. E' triste, vêde:
O seu leito parece suplicar
A Deus e céus que venham lhe aplacar
Essa ansiedade de morrer de sede!...

Enquanto a terra toda é requeimada
E o sol abrasa os campos e a amplidão,
Até a relva daninha foi esmagada,
Esta gente sofrendo, torturada,
Implora chuva aos céus por compaixão...

O gado vai de sede perecendo!
Sòmente o negro corvo o bando segue
Dos retirantes que vão padecendo...
Na terra adusta tombam, vão morrendo,
E o corvo o seu banquete então consegue!...

Estorcendo seus galhos com pavor
As árvores esqueléticas, desnudas,
Sem ter pássaros, flores, vida e amor,
Como se fossem sentinelas mudas
Suplicam chuvas para o Criador!

No campo abandonado o sol a pino
Destruiu a colheita e com imprevista
Fúria cruel e louco desatino,
A fome faz a guerra de conquista
Na boca do caboclo nordestino...

E vai crescendo em fúrias de abrasar
Nas estradas de urzes e de abrolhos,
Arde por toda a parte a luz solar...
Os rios já não podem mais chorar
O sol bebeu-lhes lágrimas dos olhos!...

Moleque

Mal acordava, ainda no meu leito,
Moleque, já me vinha festejar!
E depois, o cãozinho, satisfeito
Corria pelas ruas a brincar!

Mas se à noite fazia algum suspeito
Rumor dentro de casa, ele a ladrar,
Punha-se em guarda, pois era um perfeito
Amigo que ficava a me velar!...

Foi ontem por um auto atropelado!...
E eu preferia ver ser fuzilado
Milhões de homens — que vê-lo morto assim!

Mesmo ao morrer no derradeiro alento,
Tenho certeza que seu pensamento —
Era todo voltado para mim!...

— ÍNDICE —

| | pág. |
|---|------|
| Dom Pôr do Sol | 9 |
| Da Mulher e em seu louvor | 11 |
| Mulher | 12 |
| Soneto sem nome para as mulhe- res que amei | 13 |
| Ela | 14 |
| Ignota Déa | 15 |
| D. João de Castro Teles | 16 |
| Balada triste para uns olhos lindos | 17 |
| Heroísmo de fugir dos olhos de mulher bonita | 18 |
| E' melhor ser Sultão | 19 |
| Contraste | 20 |
| Agora é tarde | 21 |
| Meu pedido a Papai Noel | 22 |
| A Mulher e o Monge — I | 23 |
| » » » » II | 24 |
| Núa | 25 |
| Felicidade | 26 |
| Enquanto a chuva cai | 27 |
| Deslumbramento | 28 |
| E' melhor esquecer | 29 |
| Iara | 30 |

| | |
|---------------------------------|----|
| Camonianos — I | 31 |
| » II | 32 |
| » III | 33 |
| Lendas—I— Alavanca de ouro | 36 |
| II— Senhor Bom Jesus | 37 |
| III— Pé de Garrafa | 38 |
| Olhos mortos do sono | 39 |
| Homo | 40 |
| Trovas | 41 |
| O Samba | 42 |
| Versos humanos | 43 |
| Os homens hoje são indiferentes | 44 |
| Poetas & Filósofos | 45 |
| In memoriam de Mahatma Gandhi | 46 |
| Ingratidão | 47 |
| Saci é também poeta modernista | 48 |
| Siriri | 49 |
| Estampa do Desespero | 50 |
| Choque | 51 |
| Greve | 52 |
| Sol da minha vida | 53 |
| Tentação morena | 54 |
| Monotonia | 55 |
| Poema | 56 |
| Cuiabá | 57 |
| Vila Bela | 58 |
| Campo-Grande | 59 |
| Os Flagelados | 60 |
| Moleque | 62 |

Edições O CRUZEIRO

GUIA DOS SEGURADOS DO I. A. P. C. — Décio Ribeiro Costa — A fim de ficarem a par dos direitos que a lei lhes faculta, os segurados do I. A. P. C. encontram neste Guia tôdas as informações atualizadas. Assim poderão saber o que podem conseguir de acôrdo com os descontos mensais obrigatórios feitos para o seu Instituto.

A VIDA NÃO É NOSSA — A. Accioly Netto — Estão reunidos neste volume alguns dos contos de Accioly Netto. Escrevendo com sutileza e com as âncoras de sua sensibilidade bem amarradas ao mais profundo das reações psicológicas, o autor consegue surpreendentes efeitos em suas histórias, constituindo seu livro uma valiosa contribuição para a literatura brasileira neste princípio de 1955.

DIÁRIO SECRETO DE HUMBERTO DE CAMPOS — Os dois volumes desta obra póstuma do grande memorialista contêm os fatos mais surpreendentes da História do Brasil num longo período, na literatura e na política.

BIBLIOGRAFIA

A VÊSPERA DE DEUS — Alceu Maranhão Régo — Livraria José Olímpio — Este romance mereceria um comentário extenso. É a história agitada do Brasil (1937 a 1939) e como os personagens guardam sempre vestígios de pessoas verídicas o romance vai despertar a atenção da crítica.

OS ESCORPIÕES — Gastão de Hollanda — Livraria José Olímpio — (Prêmio José de Anchieta para romance, instituído pela Comissão do IV Centenário de S. Paulo). A paisagem física e humana de Recife está neste romance, que é, sem dúvida, uma revelação literária das mais gratas para os que amam os bons livros.

MADRUGADA SEM DEUS — Mário Donato — Livraria José Olímpio — Mário Donato que se tornou conhecido pelas suas novelas de base psicanalística, surge com um romance, dentro das mesmas linhas, mas englobando os fatos históricos brasileiros de 1929 a 1945. Consideramos um romance com elementos dignos de serem analisados pelas colunas especializadas.

PRELÚDIOS, NOTURNOS E TEMAS DE AMOR — Jorge Medauar — Livraria José Olímpio — Todos lerão os poemas de Medauar com indizível prazer.

DICIONÁRIO DE SINÓNIMOS E ANTONÍMOS — Orlando Mendes de Moraes e Leonan de Azeredo Penna — 4.ª ed. — Livraria Tupã Edt. — Preciso e bem impresso, este dicionário favorece consultas rápidas.

OCASOS DE SANGUE — José Américo de Almeida — Livraria José Olímpio — Análise dos últimos instantes do Governo do Presidente Vargas e do movimento de 29 de outubro. É um depoimento de importância histórica, uma vez que o Sr. José Américo de Almeida participou dos mesmos.

HISTÓRIA DE RUY BARBOSA — Rubem Nogueira — Livraria Progresso — Bahia — Mais um livro sobre Ruy. Mas que se lê com agrado, pois oferece ao leitor fatos conhecidos contados com emoção e até mesmo com certo sabor de coisa inédita.

DOM PÔR DO SOL — Rubens de Mendonça — Editora Sará — Cuiabá — Sonetos realizados com grande apuro literário.

ROTEIRO HISTÓRICO & SENTIMENTAL DE VILA REAL DO BOM JESUS DO CUIABÁ — Rubens de Mendonça — Reconstituição histórica de um dos focos iniciais da expansão e da grandeza do Brasil.

O SONETO DE ARVERS — Antônio Gonçalves de Oliveira — O autor cita numerosas traduções do famoso soneto e faz uma análise ligeira de cada um dos mesmos.

AVENTURAS DO VAQUEIRO BRIGÃO — Archie Joscelyn — Editora Vecchi — O mesmo clima de emocionante aventura preside esta história. É livro também que só se larga depois que se chega à última página.

ESPELHO E IMAGEM

◆ Lygia Fagundes Telles, que mereceu da Academia Brasileira de Letras a distinção de ser laureada pelos seus dois livros de contos, já esgotados, ampliou num romance, **CIRANDA DE PEDRA** (Edições O CRUZEIRO) a sua mensagem. Trata-se de uma auspiciosa estréia em gênero mais fecundo e de possibilidades ilimitadas. O problema da adolescência, que em nosso tempo adquiriu o primeiro plano da vida social, é analisado em **CIRANDA DE PEDRA** com percuciência, generosidade e veracidade. Este romance foi incluído na **COLEÇÃO CONTEMPORÂNEA** das Edições O CRUZEIRO, criada para divulgar os valores novos da literatura brasileira.

◆ Rómulo Gallegos foi homenageado recentemente por motivo da passagem do vigésimo aniversário do lançamento de **DONA BARBARA**, um dos livros mais importantes da moderna ficção das Américas.

◆ Lúcio Carçoso publicou um novo romance **O ENFEITIÇADO** (Livraria José Olímpio). O autor de **MALEITA** não perdeu nenhuma de suas qualidades mestras de ficcionista, que lhe reservaram um lugar importante em nossas letras. Aí está ele em todo o terrível drama de personagens e de situações, escrevendo com a mesma simplicidade de seu grande livro de estréia.

◆ Um exemplo de permanente vivacidade intelectual: Don Baldomero Sanín Cano, um dos mais altos valores da inteligência colombiana, entregou ao seu editor de Buenos Aires os originais de mais um livro — **EL HUMANISMO Y EL HOMBRE**.

◆ Outro exemplo de amor aos livros: o livreiro H. Antunes, que todos os dias está presente em sua casa, assistindo com lhanza a todos que o procuram, escritores, cronistas, críticos e amigos dos livros. Antunes não vê o tempo passar. É sempre o mesmo no amor e na divulgação dos livros brasileiro e portugueses.

◆ **ODAS ELEMENTARES**, de Pablo Neruda, o maior poeta do Chile, foi publicada em nova edição, na Argentina.



O CRUZEIRO, 26 de fevereiro de 1955

GERALDO DE FREITAS

Edições O CRUZEIRO

GUIA DOS SEGURADOS DO I. A. P. C. — Décio Ribeiro Costa — A fim de ficarem a par dos direitos que a lei lhes faculta, os segurados do I.A.P.C. encontram neste Guia tôdas as informações atualizadas. Assim poderão saber o que podem conseguir de acôrdo com os descontos mensais obrigatórios feitos para o seu Instituto.

A VIDA NÃO É NOSSA — A. Accioly Netto — Estão reunidos neste volume alguns dos contos de Accioly Netto. Escrevendo com sutileza e com as âncoras de sensibilidade bem amarradas ao mais profundo das reações psicológicas, o autor nos apresenta em suas histórias, constituindo seu livro uma obra de arte.

Os modernos maíós de banho em geral melhoram as linhas do corpo porque são completamente elásticos ou porque têm resforços internos estrategicamente preparados para favorecer a estética do corpo. Por isso, é uma boa idéia experimentar mais de um tipo de maíó quando for comprar algum neste verão.

Nade tanto quanto lhe for possível neste verão porque isso é uma das maneiras mais agradáveis e mais certas de melhorar o seu corpo. Escolha o maíó mais de acôrdo com as suas necessidades. Se você nadar todos os dias, deve saber que um maíó apenas não lhe bastará, ainda que os maíós modernos sequem num instante.

Quando escolher o maíó, procure os detalhes que dêem realce ao busto ou franzidos e pequenos pregas na linha do busto ser-dobradas ou franzidos e pequenos pregas na linha do busto ser-vem para accentuá-lo. Para quem tem silhueta esbelta, o maíó elástico de uma só peça com um pequeno saíote de frente é perfeito. Os maíós modernos têm muitos toques femininos em bolsos, enfeites e contrastes. Muitos têm pequenas saias preguadas ou franzidas.

Escolha o seu maíó numa cor que combine com o amorenado da sua pele. Ou escolha um maíó azul-celeste de acôrdo com a cor dos seus olhos. Se preferir, escolha um cor-de-rosa quente ou um padrão de flores ou de desenhos geométricos. Os maíós lisos vermelhos ou pretos continuam, ainda hoje, na moda.

